

# Breve História da Moeda



*Cadernos BCV*  
*Série Educação Financeira*

# **Breve História da Moeda**

**Banco de Cabo Verde**  
**Praia**

## ***Ficha Técnica***

***Título*** *Breve História da Moeda*

***Autor*** *Banco de Cabo Verde*

***Editor*** *Banco de Cabo Verde*  
*Avenida Amílcar Cabral - C.P. 101, Praia - Cabo Verde*  
*Tel: (+238) 260 71 80/81 - Fax: (+238) 261 44 47*

***Colecção*** *Cadernos do Banco de Cabo Verde*

***Série*** *Educação Financeira*

***Ilustração e Maquet.*** *PC-Arte*

***Impressão*** *Tipografia Santos*

***Tiragem*** *500 exemplares*

## Índice

<i>Apresentação</i> .....	5
<i>Introdução</i> .....	7
<i>Escambo</i> .....	8
<i>Moeda Mercadoria</i> .....	9
<i>As Primeiras Moedas</i> .....	11
<i>Metal</i> .....	12
<i>Moedas em Forma de Objectos</i> .....	13
<i>Moedas Antigas</i> .....	14
<i>Ouro, Prata e Cobre</i> .....	15
<i>Moeda de papel</i> .....	16
<i>Função Política e Social</i> .....	17
<i>A Moeda em Cabo Verde</i> .....	18



## Apresentação

*Uma das preocupações do Banco de Cabo Verde é o aperfeiçoamento da sua política de comunicação. Estando no âmbito das suas competências assegurar o funcionamento correcto e eficiente do sistema financeiro nacional, faz implicitamente parte das suas atribuições promover a informação e o esclarecimento dos agentes económicos e do público em geral.*

*Nesta óptica, o Banco de Cabo Verde inicia agora um programa de educação financeira, com a edição da série “Cadernos Educação Financeira”, especialmente dirigidos a jovens estudantes, mas visando também o grande público. Procurando abordar, de forma simples, temas de natureza económica e financeira, os Cadernos de EF pretendem dar acesso a conhecimentos e propiciar maior entendimento de questões económicas, ao mesmo tempo que permitem ao Banco, no quadro da promoção de serviços à comunidade, dar o seu contributo para o reforço do exercício da cidadania. Tendo, pois, por objectivo a disseminação e a compreensão de conhecimentos económico-financeiros, que assegurem uma base de educação financeira que permita ampliar o grau de entendimento desse tipo de questões, os Cadernos de EF serão igualmente publicados na página do BCV na internet, de modo a alargar a sua base de acesso.*

*Espera, pois, o Banco de Cabo Verde que esta iniciativa se aprofunde e frutifique.*



## Introdução

Desde tempos imemoriais, objectos inusitados circulam como moeda, delineando as actividades de comércio e estabelecendo as bases da vida política e social. Colares ou braceletes de conchas, pérolas, dentes, ossos ou plumas, fragmentos de pedra ou metal, peças de cerâmica ou tecidos, objectos de formas e materiais surpreendentes encontramos tudo isso sob a designação de moedas antigas, nas colecções de inúmeros museus ou em livros e revistas de etnografia, pré-história e arqueologia.

Outros objectos, aparentemente análogos, são considerados adornos ou jóias, embora sem comprovação evidente de que tenham sido utilizados como ornamentos, e não como moeda. Seu bom estado de conservação, indicando que tais objectos eram valiosos para seus donos, e suas características físicas, inadequadas para fins directamente utilitários, sem dúvida estimularam arqueólogos e os que se dedicam a estudar a pré-história a atribuir uma função puramente decorativa a esses tesouros que, na realidade, também serviam como moedas.



## Escambo

A moeda, como hoje a conhecemos, é o resultado de uma longa evolução. Antes da utilização de moedas, os homens trocavam bens que lhes sobravam por aqueles que lhes faltavam. Os etnólogos descreveram complexas relações de câmbio – *kula*, no Pacífico Ocidental, *bilaba* e *malaki*, na África Central, ou *potlatch*, na costa noroeste da América do Norte nas sociedades mais antigas, porém já bastante hierarquizadas. No Egito e na Babilônia, bem como nas civilizações Inca e Maia, as transacções comerciais faziam-se por permuta, e mesmo o pagamento de salários era realizado por meio de produtos que pudessem ser trocados.

Praticava-se o escambo, simples troca de mercadoria por mercadoria, sem equivalência de valor. Assim, quem pescasse mais peixe do que o necessário para si e seu grupo trocava este excesso com o de outra pessoa que, por exemplo, tivesse plantado e colhido mais milho do que fosse precisar. Esta elementar forma de comércio foi dominante no início da civilização, podendo ser encontrada, ainda hoje, entre povos de economia primitiva, em regiões onde, pelo difícil acesso, há escassez de meio circulante, e até em situações especiais, em que as pessoas envolvidas efectuam permuta de objectos sem a preocupação de sua equivalência de valor. Este é o caso, por exemplo, da criança que troca com o colega um brinquedo caro por outro de menor valor, que deseja muito.

As mercadorias utilizadas para escambo geralmente se apresentam em estado natural, variando conforme as condições de meio ambiente e as actividades desenvolvidas pelo grupo, correspondendo a necessidades fundamentais de seus membros. Nesta forma de troca, no entanto, ocorrem dificuldades, por não haver uma medida comum de valor entre os elementos a serem permutados.

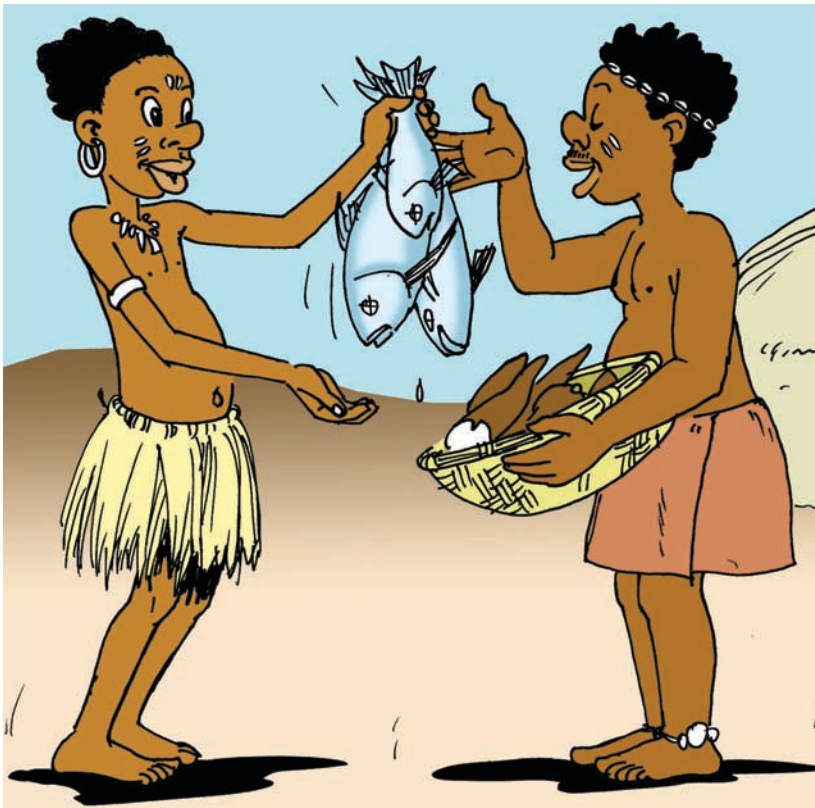
Com a invenção da cunhagem de moedas, a sociedade libertou-se da necessidade de permutar bens, na medida em que deixava de existir uma interdependência entre a compra e a venda. Um comerciante já não precisava de dispor de mercadorias para adquirir os produtos de que necessitava.

## Moeda-Mercadoria

Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras.

Aceites por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias.

O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados; apresentava vantagens de locomoção própria, reprodução e prestação de serviço, embora ocorresse o risco de doenças e da morte. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, principalmente no interior dos continentes, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambos dei-



xaram marca de sua função como instrumento de troca no nosso vocabulário, pois, até hoje, empregamos palavras como *pecúnia* (dinheiro) e *pecúlio* (dinheiro acumulado) derivadas da palavra latina *pecus* (gado). A palavra capital (património) vem do latim *capita* (cabeça). Da mesma forma, a palavra salário (remuneração, normalmente em dinheiro, devida pelo empregador em face do serviço do empregado) tem como origem a utilização do sal, em Roma, para o pagamento de serviços prestados. Com o passar do tempo, as mercadorias tornaram-se inconvenientes às transacções comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo facto de não serem fraccionáveis e por serem facilmente perecíveis, não permitindo o acúmulo de riquezas.



## As Primeiras Moedas

O fenómeno monetário surgiu com o desenvolvimento dos Estados, encarregados de gerir os excedentes obtidos pela exploração dos escravos, servos e camponeses, pelo controlo das trocas a grande distância ou pela pilhagem dos povos vizinhos. Tratava-se agora de avaliar os tributos, impostos e taxas, normalizar os modos e meios de pagamento nos mercados e portos comerciais. Na diversidade de suportes monetários das sociedades antigas – tecidos e grãos de cacau dos impérios maia e azteca, cauri e ouro dos reinos da África ocidental, barras compridas das cidades gregas, lingotes de ferro dos hititas, cevada e trigo da Mesopotâmia, trigo e cobre do Egipto, milho e tecidos da China – as moedas chamam particular atenção, em virtude da perenidade de sua utilização.

No início, as moedas eram apenas um tipo determinado de peça metálica. Na China, por exemplo, antes da difusão das moedas e mesmo após seu surgimento no final do séc. IV a.C., circularam objectos com formato de enxadas e facas. As primeiras moedas foram cunhadas a partir do séc. VII a. C. na Ásia Menor e na Grécia, onde algumas cidades continuaram a utilizar compridas barras. Mais ou menos na mesma época – e até o advento da moeda no séc. IV a.C. – foram utilizados na Índia pequenos quadrados de prata, bastante finos e gravados com diversos motivos.



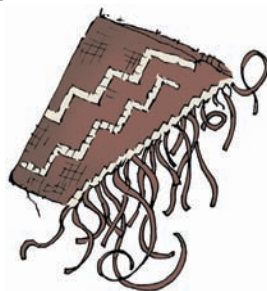
*As conchas foram, das moedas primitivas, uma das mais difundidas no mundo. Especialmente uma espécie de búzio - o cauri - que nos séculos XVII e XVIII era aceite como moeda internacional.*



*Feixe de hastes de ferro procedente do Congo (fins do século XIX).*

A utilização de moedas espalhou-se rapidamente através do mundo mediterrâneo. Os Gregos cunharam-nas em grande número.

*Um wampum, objecto confeccionado com tiras de couro e pedaços de nacár, usado pelos índios da América do Norte em suas transações com os brancos nos séculos XVII e XVIII*



## Metal

Quando o homem descobriu o metal, logo passou a utilizá-lo para fabricar seus utensílios e armas anteriormente feitos de pedra.



*O Cavallo de Mendel, estáter grego de prata (Macedónia, séc.V a.C.)*

Por apresentar vantagens como a possibilidade de entesouramento, divisibilidade, raridade, facilidade de transporte e beleza, o metal elegeu-se como principal padrão de valor. Era trocado sob as formas mais diversas. A princípio, em seu estado natural, depois sob forma de barras e, ainda, sob forma de objectos, como anéis, braceletes, etc.

O metal comercializado dessa forma exigia aferição de peso e avaliação de seu grau de pureza a cada troca. Mais tarde, ganhou forma definida e peso determinado, recebendo marca indicativa de valor, que também apontava o responsável pela sua emissão. Essa medida agilizou as transacções, dispensando a pesagem e permitindo a imediata identificação da quantidade de metal oferecida para troca.

No entanto, nem sempre era possível confiar no valor das moedas, pois o metal podia ser desbastado ou cortado nos bordos e as moedas feitas “suar” – sacudindo-as num saco de modo que delas se separassem minúsculos fragmentos de metal que eram depois recolhidos. Além disso, a sua falsificação tornava-se relativamente fácil, pois o seu tamanho

e forma eram altamente variáveis e as gravuras modificavam-se ligeiramente cada vez que os cunhos e os punções eram renovados.

A princípio, as peças eram fabricadas por processos manuais muito rudimentares e tinham seus bordos irregulares, não sendo, como hoje, peças absolutamente iguais umas às outras.

Na Europa, as técnicas de cunhagem aperfeiçoaram-se. As rodelas eram cortadas em chapa de metal com o auxílio de uma tesoura. No séc. XVII procedia-se à sua cunhagem numa prensa de fuso acionada por uma equipa de homens. As moedas passaram a apresentar no rebordo uma pequena grossura para as proteger do desgaste e, para desencorajar definitivamente os desbastes, o rebordo era “serrilhado”.

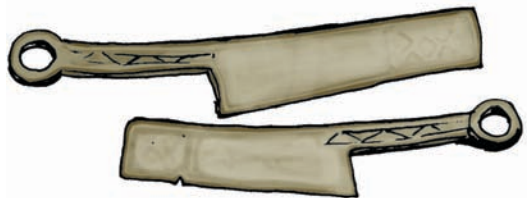


*O labirinto de Cnossos, estáter grego de prata (c.450 a.C.)*

## Moeda em Forma de Objectos

Os utensílios de metal passaram a ser mercadorias muito apreciadas. Como sua produção exigia, além do domínio das técnicas de fundição, o conhecimento dos locais onde o metal poderia ser encontrado, essa tarefa, naturalmente, não estava ao alcance de todos.

A valorização cada vez maior destes instrumentos levou à sua utilização como moeda e ao aparecimento de réplicas de objectos metálicos, em pequenas dimensões, que circulavam como dinheiro. É o caso das moedas *faca* e *chave* que eram encontradas no oriente



*Na China, entre 1122 e 256 a. C., nasceram as moedas de bronze, com formas variadas: peixes, facas, machados ou enxadas.*

e forma eram altamente variáveis e as gravuras modificavam-se ligeiramente cada vez que os cunhos e os punções eram renovados.

A princípio, as peças eram fabricadas por processos manuais muito rudimentares e tinham seus bordos irregulares, não sendo, como hoje, peças absolutamente iguais umas às outras.

Na Europa, as técnicas de cunhagem aperfeiçoaram-se. As rodelas eram cortadas em chapa de metal com o auxílio de uma tesoura. No séc. XVII procedia-se à sua cunhagem numa prensa de fuso acionada por uma equipa de homens. As moedas passaram a apresentar no rebordo uma pequena grossura para as proteger do desgaste e, para desencorajar definitivamente os desbastes, o rebordo era “serrilhado”.

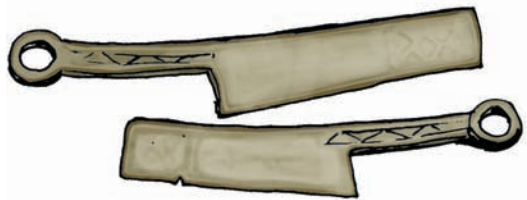


*O labirinto de Cnossos, estáter grego de prata (c.450 a.C.)*

## Moeda em Forma de Objectos

Os utensílios de metal passaram a ser mercadorias muito apreciadas. Como sua produção exigia, além do domínio das técnicas de fundição, o conhecimento dos locais onde o metal poderia ser encontrado, essa tarefa, naturalmente, não estava ao alcance de todos.

A valorização cada vez maior destes instrumentos levou à sua utilização como moeda e ao aparecimento de réplicas de objectos metálicos, em pequenas dimensões, que circulavam como dinheiro. É o caso das moedas *faca* e *chave* que eram encontradas no oriente



*Na China, entre 1122 e 256 a. C., nasceram as moedas de bronze, com formas variadas: peixes, facas, machados ou enxadas.*

e do *talento*, moeda de cobre ou bronze, com o formato de pele de animal, que circulou na Grécia e em Chipre. Em algumas partes do mundo antigo estabeleceu-se o uso de unidades monetárias tendo por base objectos duráveis de tamanho conveniente, que serviam como moedas. No Próximo Oriente e nas ilhas do Pacífico, por exemplo, usavam-se anzóis. No séc. VII a.C., utilizava-se, na China, “dinheiro-faca” e “dinheiro-espada”. As moedas eram miniaturas de facas e espadas, e o seu valor o do objecto que representavam.



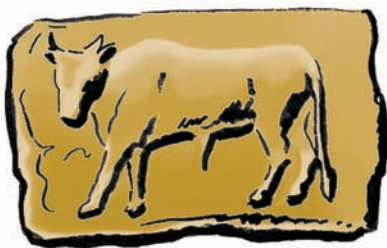
## Moedas Antigas

Cerca de 700 a.C., surgiram no reino da Lídia, Turquia Ocidental, as primeiras verdadeiras moedas que se conhecem. Tratava-se de pequenas

peças de *electrum*, uma liga natural de prata e ouro que aparecia nos rios da região, e tinham a forma de um feijão. As peças apresentavam a insígnia do leão do rei de Gíges num dos lados e as marcas do punção no outro. Estas marcas constituíam uma garantia do peso e da pureza do metal.

Surgem no século VII a.C., as primeiras moedas com características das actuais: são pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor. São cunhadas na Grécia moeda de prata e, na Lídia, são utilizados pequenos lingotes ovais de uma liga de ouro e prata chamada *eletro*.

De início, as gravuras nas moedas representavam cabeças de divindades.





Cerca de 320 a. C., utilizou-se a efígie de Alexandre, o Grande, da Macedónia, que, já no fim da sua vida, fora declarado um deus. Provavelmente, foi esta a primeira figura histórica a ter sua efígie registada numa moeda. A partir dessa altura, tornou-se comum gravar as efígies dos governantes.

As moedas reflectem a mentalidade de um povo e de sua época. Nelas podem ser observados aspectos políticos, económicos, tecnológicos e culturais. É pelas impressões encontradas nas moedas, que conhecemos hoje a efígie de personalidades que viveram há muitos séculos.



## Ouro, Prata e Cobre

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego destes metais impôs-se, não só pela sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e valor económico, mas também por antigos costumes religiosos. Nos primórdios da civilização, os sacerdotes da Babilónia, estudiosos de astronomia, ensinavam ao povo a existência de estreita ligação entre o ouro e o Sol, a prata e a Lua. Isto levou à crença no poder mágico destes metais e no dos objectos com eles confeccionados.

A cunhagem de moedas em ouro e prata manteve-se durante muitos séculos, sendo as peças garantidas por seu valor intrínseco, isto é, pelo valor comercial do metal utilizado na sua confecção. Assim, uma moeda na qual haviam sido utilizados vinte gramas de ouro, era trocada por mercadorias neste mesmo valor.

Durante muitos séculos os países cunharam em ouro suas moedas de valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Estes sistemas mantiveram-se até o final do século passado, quando o cu-





proníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser muito empregados, passando a moeda a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que é independente do metal nela contido.

Com o advento do papel-moeda, a cunhagem de moedas metálicas ficou restrita a valores inferiores, necessários para troco. Dentro desta nova função, a durabilidade passou a ser a qualidade mais necessária à moeda. Surgem, em grande diversidade, as ligas modernas, produzidas para suportar a alta rotatividade do numerário de troco.

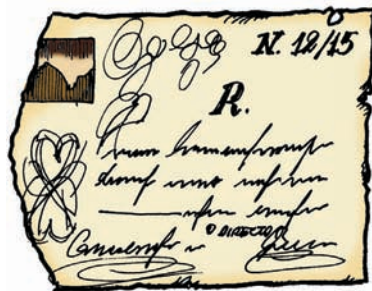
## Moeda de papel

Na Idade Média, surgiu o costume de se guardarem os valores com um ourives, pessoa que negociava objectos de ouro e prata. Este, como garantia, entregava um recibo. Com o tempo, esses recibos passaram a ser utilizados para efectuar pagamentos, circulando de mão em mão e dando origem à moeda de papel. O papel-moeda foi emitido pela primeira vez em grande quantidade, no séc. XI, pelo imperador mongol Kublai Khan.



Com o tempo, da mesma forma ocorrida com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de notas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento.

Actualmente quase todos os países possuem seus bancos centrais, encarrega-



dos das emissões de notas e moedas.

A moeda de papel evoluiu quanto à técnica utilizada na sua impressão. Hoje a confecção de notas utiliza papel especialmente preparado e diversos processos de impressão que se complementam, dando ao produto final grande margem de segurança e condições de durabilidade.

## Função Política e Social

Em nenhuma das civilizações antigas as moedas foram de imediato consideradas um instrumento monetário superior aos outros meios de pagamento reconhecidos, com eles coexistindo durante muito tempo. Peças redondas de metal, com diferentes qualidades de impressão, podiam ser utilizadas para diversos fins. Sua troca significava mais que uma simples transacção comercial: podia simbolizar também uma doação recíproca, ou até um tributo.

Assim, as primeiras moedas das cidades gregas não foram cunhadas para suprir as necessidades imediatas do comércio: seu valor no mercado era muito alto para a aquisição dos bens de consumo. No comércio a longa distância, quase sempre efectuado por via marítima, as próprias mercadorias funcionavam como meios de pagamento. Qual era, então, nos primeiros tempos, a função dessas moedas? Elas surgiram como um instrumento necessário para regular as relações internas e externas das cidades, tendo um carácter principalmente político e religioso. Entretanto, essa dupla função não constituiu obstáculo para sua destinação mercantil: o próprio metal de que eram feitas serviu como objecto de intercâmbio a grandes distâncias desde tempos muito remotos, em que o comércio se revestia de uma importante dimensão política e social. A flexibilidade das pesadas peças de metal, que podiam ser divididas em unidades menores, e sua difusão por sociedades de costumes



muito diferentes gradualmente transformaram a moeda no instrumento preferido para as transações comerciais e o pagamento de impostos.



Cunhadas com a efígie dos deuses e dos poderosos, as moedas conservaram esse carácter político essencial até à época romana, quando eram emitidas por ocasião de grandes eventos, como os jogos desportivos ou a movimentação de exércitos. Também não deixaram de desempenhar suas funções em ritos e sacrifícios: ainda hoje, moedas são encerradas no cimento de pontes e edifícios, lançadas em

fontes, oferecidas como símbolo de alianças matrimoniais e colocadas na boca ou na mão dos mortos, que transportam para o Além os rituais de pagamento do mundo dos vivos.

## A Moeda em Cabo Verde

Depois da sua descoberta, a importância das ilhas de Cabo Verde aumentou com o tráfico da costa de África. À medida que aumentava a importância das ilhas com o comércio de escravos, com mais frequente navegação e com a exportação, mais se espalhou a moeda nacional e a estrangeira, mas nem sempre em abundância. Quase tudo o que compravam os estrangeiros era pago com moeda metálica. Esta modalidade, mais tarde, veio todavia pouco a pouco a desaparecer, não só com o acordo dos indígenas, como pela falta de providências, e a permuta passou a fazer-se com várias e insignificantes quinquilharias e fatos velhos. A moeda existente era também frequentemente levada para fora, e por vezes desaparecia da circulação. O Procurador do Senado da Câmara da ilha de Santiago de Cabo Verde fez petição acerca de correrem naquela ilha as barafulas e panos de algodão, por dinheiro, pela falta que o povo tinha dele.

Num trabalho sobre as possessões portuguesas foi escrito, em 1844, quanto a Cabo Verde: *Não há moeda especial nesta Província; a que gira como tal no Arquipélago com um tipo fixo, e por isso se reputa moeda pro-*

vincial, é a moeda antiga de prata brasileira, a qual corre em todas as ilhas, pelo seu valor nominal (de 960, 640 e 320 réis), e nesta moeda, que ali se chama “fraca”, se cobram as rendas e se pagam os encargos: só ao Governador, Secretário Geral, Juiz de Direito e ao Pessoal do Exército e Armada, se paga em “moeda forte”, que é a moeda de ouro e prata de Portugal, e na falta desta recebem a moeda fraca com o ágio estipulado de 4 por cento. Gira também pelas mãos dos comerciantes, e do povo (que nenhuma dificuldade põe em aceitá-las), grande variedade de moedas de prata das diversas Nações que frequentam este Arquipélago, e principalmente as 3 ilhas salineiras, mas sem câmbio determinado, e com valor variável dependente das convenções: o Peso duro Espanhol e o Dólar Inglês são as mais aceitas, e quasi geralmente recebidas no valor de mil réis; o Dólar Americano, o Peso Mexicano, o Rixdale Alemão, e o Escudo Francês, ou Italiano, etc., correm as mais das vezes no valor de 800 réis; e na mesma proporção as fracções, ou pequenas moedas, como a peseta, o shelling, o franco, a lira, etc..



Das moedas de ouro estrangeiras, as que ali aparecem com mais frequência são as Onças de ouro espanholas, e algumas vezes os Soberanos ingleses. A moeda de cobre, e bronze de Portugal (única que ali gira, e sempre em quantidade mui diminuta para as precisões mercantis) serve de troco alternativamente à moeda forte, e à moeda fraca, sem diferença.<sup>1</sup>

Em Outubro de 1853, considerando-se ser importante para o bem do comércio, e da regularidade do serviço público, acabar com a diferença de valor



<sup>1</sup> “Ensaio sobre a estatística das possessões portuguesas”, por José J. Lopes de Lima, 1844

que tinham as moedas do Reino na Província, e ao mesmo tempo regular a circulação das estrangeiras que corriam como moedas nacionais, foi decretado que todas as moedas portuguesas correntes no Reino teriam curso legal por igual valor em Cabo Verde.



A falta de moeda de cobre de pequeno valor para trocos que já em 1850 se sentira acentuou-se ainda posteriormente, e em Abril de 1854 foi reclamada a sua remessa para a Província e ao Ministro da Fazenda foi pedido pelo Ministro da Marinha e Ultramar que autorizasse a Casa da Moeda a comprar seis contos de réis em cobre, para ali serem cunhados em moedas do mesmo metal que

corriam legalmente no Reino. Em Junho do mesmo ano a falta da moeda de cobre levou vários habitantes da Ilha de S. Vicente a representarem expondo os graves prejuízos que estava sofrendo o comércio da Ilha, e o de todo o Arquipélago, pela falta daquela moeda necessária para se efectuarem as transacções comerciais.

Por esse motivo foram remetidos ao Director da Alfândega da referida Ilha dois contos de réis em moeda portuguesa de cobre e bronze, com os quais o mesmo Director facilitaria a troca do dinheiro em ouro, conservando em depósito o ouro trocado pelo cobre.

Tendo o Banco Nacional Ultramarino estabelecido em 1865 uma Agência na cidade da Praia, em Outubro do mesmo ano foi determinado que as notas desse banco fossem recebidas em todas as Repartições Públicas de Cabo Verde. A circulação das notas em Cabo Verde, em 1868, era ainda insignificante, posto que tivesse aumentado algum tanto. As notas em circulação em Cabo Verde eram as notas da emissão de Luanda, que circularam ainda até 21 de Novembro de 1913. Só em 1898 foi emitida e posta em circulação uma emissão privativa da colónia. Emissão essa que foi liquidada também em 21 de Novembro de 1913. Mas em 1910 foi feita uma nova emissão para substituir a de 1898, emissão denominada “Vasco da Gama”.

Em Junho de 1930, em virtude de proposta do Governo de Cabo Verde, foi

autorizada a emissão de moedas metálicas divisionárias, do valor facial de \$05, \$10, \$20, \$50 e 1\$, destinadas à colónia em substituição das cédulas emitidas pelo Banco Nacional Ultramarino, que então circulavam. As moedas seriam iguais às do mesmo valor em circulação na Metrópole e teriam a legenda “Cabo Verde”.

Em Dezembro de 1940 foi autorizada a emissão de moedas metálicas divisionárias do valor facial de \$50 e 1\$ no montante de 500.000\$ para cada uma, ou sejam 1.000 contos. A esta emissão foram aplicadas algumas disposições do Decreto n.º 18:495, de 20 de Junho de 1930, isto é, a emissão de tais moedas era destinada à substituição das cédulas emitidas pelo Banco Nacional Ultramarino, que então circulassem; as moedas seriam iguais às do mesmo valor em circulação na Metrópole e teriam a legenda “Cabo Verde”(…).

Só em 1930 foi, pela primeira vez, cunhada moeda privativa para Cabo Verde.



**Fonte:** Reprodução parcial e adaptação dos seguintes textos:

- *Origem e Evolução da Moeda*, Banco Central do Brasil – [www.bcb.gov.br](http://www.bcb.gov.br)
- *O Nascimento da Moeda*, Prof. Almir Ribeiro, tradução de Clóvis A. M. de Moraes, [www.cliohistoria.hpg.ig.com.br](http://www.cliohistoria.hpg.ig.com.br)
- *Um pouco de História...*, Pedro Silva, [www.pmmsilva.no.sapo.pt](http://www.pmmsilva.no.sapo.pt)
- *Subsídios para a História da Moeda em Cabo Verde (1460-1940)*, Álvaro Lereno, Agência Geral das Colónias, Lisboa/1942